

Da Função Social das Universidades

PROF. ERWIN H. FRANK*

Neste ensaio defenderei que a *única* "função social" de qualquer universidade de *de verdade* é fazer o que *todas* as universidades fazem, há quase um milênio: aquela aproximação metódica à "verdade" do real que costumamos chamar "ciência". Mas, antes disso, talvez algumas palavras, justificando a minha ousadia de opinar sobre um assunto tão complexo.

Entrei na minha primeira universidade (Muenster, Alemanha) em 1969 e - desde aquele ano - já estudei e ensinei numa meia dúzia delas, - principalmente na Alemanha, no Equador e, desde 1994, em duas aqui no Brasil (na UFPA e, desde 1997, na UFRR). Durante estas mais de três décadas, já escutei muitas pessoas xingando à universidade de "elitista", até "antiquada", e presenciei tentativas de uma dúzia de auto-declarados "modernizadores" delas de "adapta-las" às supostas "exigências da modernidade". Só que *quase todas* essas tentativas reformistas produziam resultados de ruim a desastrosos, - principalmente pelos grosseiros erros na visão dos reformadores com relação à *natureza* desta estranha instituição, à *função* dela na dinâmica histórica da civilização ocidental e à questão das estruturas ou características que precisam ser mantidas, para não descaracterizar a instituição totalmente!

Mas, quais estruturas ou características são essas? Algumas reflexões históricas nos ajudarão identificá-las.

Sabe-se que a universidade conta entre as *mais antigas* instituições da civilização ocidental, - chegando algumas delas nos próximos anos a *9 séculos* de ininterrupta existência e funcionamento (LEGOFF, 1989). Esse fato por si só já mostra que se trata mesmo de uma *instituição chave* desse modo histórico-particular de viver no mundo que é a nossa "civilização ocidental".

Ora, as *primeiras* universidades se formaram ao redor de bibliotecas famosas, pertencentes a monastérios ou a catedrais ricas. Alguns freires, encarregados com o cuidado daquelas bibliotecas, começaram - já no século XI - a ler e discutir *publicamente* livros (pertencentes a estas bibliotecas) sobre religião, jurisprudência, filosofia, gramática e retórica, etc, com a finalidade declarada de encontrar "a verdade" (Ibid, e KASHDALL1936).

Ora, não cabe dúvida que, no século XI, imaginava-se "a verdade" ainda uma < nisa bastante distinta daquilo que hoje em dia chamamos assim, algo - em última instância - conhecido (e mesmo conhecível) só por Deus. Porém, contrário a muitos dos seus críticos, os fundadores das primeiras "*universitas*" estavam convencidos que a "verdade" fosse pelo menos *parcialmente* acessível também ao ser humano, - em

* Pro! , do Curso de Ciências Sociais - UFRR

quanto "inscrita" ou "revelada" na Bíblia, por exemplo, ou no "livro da natureza", e também nas obras dos melhores autores da tradição clássica greco-romana (KRISTELLER, 1995; sobretudo Cap.II).

Daí o *método* escolhido: procurava-se descobrir a "verdade do real" principalmente pela *leitura sistemática* e *discussão controlada* ("disputatio") dos indicados textos, - leitura e discussão *crítica*, culminando na elaboração e defesa pública de "(hipo-)teses" relativas a seu "verdadeiro" sentido. Ou seja: desde o seu início, os cientistas confiaram na força epistemológica da discussão controlada (metódica) dentro de um espaço geral discursivo ("universitas") *absolutamente "livre"* de determinantes não-científicas, isto é, governado *exclusivamente* pelas leis da lógica e do "melhor argumento".

Hoje, quase mil anos depois, nossas ideias sobre a verdadeira natureza da "verdade do real" (e relativas a questões como: onde e como encontrá-la) têm mudado radicalmente, - sobretudo em decorrência do que chamamos a "revolução científica" do século XVI (KUHN 1957; KOYRÉ s.d.). Mas, a descoberta da "verdade do real" (e não a sua "utilidade") *segue* o nosso compromisso principal e nossa finalidade última.

E também o nosso "método" de aproximação da verdade é ainda basicamente o mesmo: qualquer universidade *de verdade* segue sendo ~ em primeiro lugar - um espaço de intensa discussão, onde "mestres" e "doutos" (reconhecidos como tais por seus pares), junto com os seus discípulos, realizam um esforço de aproximação *metódica*, que *segue* implicando a geração, publicação, leitura e discussão crítica de *teses* ("monografias", "ensaios", "palestras", etc), na sua grande maioria "respostas" a outros textos, idealmente *todos* os textos dedicados a um certo problema'.

Finalmente, e sobretudo, seguimos ainda também com a inabalável convicção dos mesmos fundadores de "universidades", segunda qual - para nosso "projeto" (científico!) ter *algum* chance de êxito - esse espaço discursivo de cientistas reunidos em "*universitas*" *precisa* da mais absoluta "autonomia", - no sentido de (idealmente) a *ausência total* de qualquer interesse particular, não-acadêmico, na determinação do seu desenvolvimento interno.

Ora, depois de ter identificado claramente, tanto a função como a finalidade última, o método, e até as pré-condições *sine qua non* da mesma chance do êxito da universidade como projeto científico, permitam-me ainda algumas reflexões, à primeira vista "fora de lugar", sobre a relação entre "universidade" e "escola" (aquela *outra* "pedra angular" de nossa civilização moderna!). Pois há uma crescente tendência (sobretudo no Brasil) de simplesmente *confundir* as duas!

Vimos que, desde o início, a universidade *como projeto científico* (epistemológico) se concretizou na formação de "comunidades acadêmicas", composta de "doutos", "mestres" e alguns jovens "curiosos", comunidades unidas pela

¹ Uma das muitas implicações do que acabamos indicai é que uma universidade que não tenha no seu mesmo *centro* uma biblioteca *de verdade*, ou cuja biblioteca não permite aos acadêmicos se manterem informados sobre o "estado" da discussão científica a nível internacional, é mesmo *universidade nenhuma*, em consequência da impossibilidade de *fazer ciência*.

finalidade de tentar - conjuntamente - a tão desejada "aproximação" da "verdade do real". Ou seja: desde o início, todas as universidades *de verdade* realizaram (e seguem realizando ainda hoje) - além do seu projeto científico - *também* um "projeto pedagógico", no sentido de um esforço sistemático de introduzir sempre a novas gerações de "cientistas" a "arte" de "fazer ciência". Mesmo assim, até nas condições atuais de acesso "massificado" à instituição, segue um *gravíssimo erro* transformar esse projeto "pedagógico" no *principal* projeto da comunidade universitária e tentar pensar a constituição e estruturação interna dela em função dele.

Porque, a *única razão de ser* do "projeto pedagógico" das universidades é que o seu "projeto científico" *traborda* (e amplamente!) os anos de vida de qualquer "acadêmico". Ou seja: como nenhum cientista espera mesmo a descoberta de *toda* a verdade do real num futuro próximo, todos eles se sentem obrigados a garantir a continuação do seu esforço, até além da própria morte, - ensinando novas gerações de jovens os segredos *às fazer ciência*]

As escolas, por sua parte, realizam um *projeto pedagógico* completamente distinto, que tem finalidades simplesmente incomparáveis! E, de novo, um pouco de história ajudará entender o meu ponto.

"Escolas" (assim como as conhecemos hoje!) surgiram muitos séculos depois das "universidades", no momento em que alguns Estados europeus, recentemente tornados "nacionais" ou "modernos", se deram conta da importância da imposição de certos "hábitos" (BOURDIEU 1979) ou "controles sociais internalizados" (ELIAS 1977) na totalidade dos seus cidadãos, como também do domínio geral das assim chamadas "técnicas civilizadoras" (ler, escrever, calcular) para o desenvolvimento do comércio e da produção industrial, ou seja: para a imposição do desenvolvimento capitalista. Uma vez convencidos das vantagens e até da urgência de tais hábitos, capacidades e conhecimentos (no século XIX), *quase todos* os Estados nacionais europeus instalaram *sistemas de ensino público* e tornaram o seu atendimento *obrigatório* para seus cidadãos.

Isso mostra que o "projeto pedagógico" *principal* da escola é (e foi sempre) formar um "cidadão funcional", no sentido de um cidadão que *funcione* como a complexa realidade social do capitalismo tardio demanda (BOURDIEU e PASSERON 1992); ou -para dizê-lo com as palavras de Foucault: que tenha o poder das principais instituições que compõem nossa realidade social atual pré-inscrito na sua carne e ossos, os seus gestos, a sua fala e até no seu olhar (FOUCAULT 1996)!

O *único* projeto pedagógico da universidade, por outro lado, é "formar cientistas". Todo professor universitário *de verdade* ensina *como fazer a ciência dele*. É isso que os estudantes "estudam" e é o êxito (ou a falta de êxito) neste estudo que - no final dos seus passes pela universidade - eles são obrigados documentar numa "trabalho científico" *concreto próprio*.

Mesmo assim, até muitos professores universitários atuais defendem a tese - do meu ponto de vista, plenamente absurda - que a tarefa principal da universidade seja "ensinar alguma profissão" e que - por isso - as grades curriculares dos cursos têm que **ser** repensados, com esta meta como ponto de saída!

Em defesa dessa opinião, costuma-se citar o fato que existem muitas (e cada vez

mais) "profissões" na sociedade moderna que *exigem* mesmo amplos conhecimentos de teorias científicas (e também de práticas que se justificam com tais teorias) como pré-condição de acesso a elas. Mas, mesmo que isso seja, sem dúvida, correto e mesmo que - em consequência - cada vez mais estudantes entrem nas universidades, não com o afã de se tornarem "cientistas", senão para satisfazer uma demanda do mercado de trabalho atual, as universidades *de verdade* nunca foram, não são (e nem devem tentar se tornar no futuro) "escolas de terceiro grau" ou - pior ainda - "instituições de ensino profissionalizante"!

Se o mercado de trabalho atual contrata cada vez mais *cientistas* (ou seja: pessoas que sabem "fazer ciência"), melhor para eles e para nós! Mas, "ciência" *não* se faz em resposta ao "mercado de trabalho". Ela é um projeto que se desenvolve (e precisa se desenvolver!) na mais completa liberdade (autonomia) *também das demandas sociais históricas*. E a prova mais contundente disto é a existência (e persistência nas universidades atuais) de muitas "ciências" que não preparam, nem jamais prepararam para "profissão" alguma (além dessa de "professor universitário", claro), - como a filosofia, a astrofísica e, claro, também a ciência do autor destas linhas, a antropologia²!

Ora, não cabe dúvida nenhuma que o governo brasileiro atual está mesmo *fazendo tudo* para transformar a vasta maioria das universidades brasileiras em -justamente - "escolas de terceiro grau" ou "institutos profissionalizantes". E com esse intuito que facilita, por exemplo, a abertura de sempre novas "academias" privadas, onde é possível adquirir *os mesmos* títulos, outorgados pelas universidades de verdade, passando por um "cursinho" onde a ciência está tratada como um conjunto de conhecimentos já "confirmados". É por isso também que, em vez de reforçar sistematicamente as universidades públicas mais fracas e periféricas do país, o MEC concentra dinheiro e oportunidades de pesquisa em alguns "centros de excelência", - lá no sul; e é por isso também que nos impõe sempre novos sistemas centralizados de avaliação a nível nacional (Provão, Enem, etc), sem reconhecimento algum da especificidade e dos limites do ensino em todos os níveis, inclusive o universitário.

Em vista destas estratégias nefastas, me parece duplamente lamentável que tantos dos meus colegas - e até muitos líderes estudantis - facilitem ainda (conscientemente ou não) a política destruidora do MEC, repetindo slogans desqualificadas por 900 anos de história institucional, - como esses que a universidade deveria se orientar pela demanda de um *mítico* "mercado de trabalho"; que o seu ensino deveria ser voltado sobre alguma "realidade regional" e até "local" (em vez da verdade universal!); que nossa tarefa seria mesmo "planificar o desenvolvimento" de Roraima (da Amazônia, ou sei lá que mais) e que - sem tudo isso - não teríamos "utilidade social" nenhuma! Não! A utilidade social da universidade é seguir fazendo o que ela faz desde sempre. *Quot erat demonstrandum*!

² De novo e cora toda clareza: a antropologia é uma "ciência", não uma "profissão". De profissão, sou professor universitário, contratado e pago para ensinar "antropologia"

Referência Bibliográfica

- BOURDIEU, R., *Entwurf einer Theorie der Praxis*, Frankfurt, Suhrkamp, 1979.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C., *A Reprodução*, Rio de Janeiro, Ed. F.Alves, 1992.
- liLIAS, N., *Über den Prozess der Zivilisation*, Frankfurt, Suhrkamp, 1977, 2 Vols.
- FOUCAULT, M., *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1996.
- K.IRSTELLER, R., *Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento*, Lisboa, Edições 70, 1995.
- KOYRE, A., *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, Lisboa, Gradiva, s.d.
- K.UHN, Th.S., *The Copernican Revolution*, Cambridge, Harvard University Press, 1957.
- L.BGOFF, J., *Os Intelectuais na Idade Média*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1989 (2ª. Ed.).
- RASHDALL, H., *The Universities of Europe in the Middle Ages*, Oxford, University Press, 1936, 3 Vols.